

Acupuntura urbana

Mais uma importante e oportuna contribuição para o nosso trabalho de **Mobilização para a Cidadania e Qualidade** vem de artigo publicado no jornal **ESTADO DE MINAS**, edição de 7 de janeiro de 2015, caderno **OPINIÃO**, página 7, de autoria de **FABÍOLA CARVALHIDO**, arquiteta e urbanista da CSul Desenvolvimento Urbano, e que merece igualmente integral transcrição:

“Acupuntura urbana

Assim como o corpo humano, uma cidade também apresenta uma importante característica que a torna mutável e adaptável às necessidades das pessoas ao longo do tempo: a organicidade. Podemos comparar a dinâmica de um centro urbano às funções exercidas pelos diferentes sistemas que compõem um indivíduo. E, se formos mais a fundo nessa analogia, nos é permitido afirmar que, assim como as pessoas, as cidades também apresentam “fraquezas” e estão suscetíveis a “doenças” que, se não tratadas, podem comprometer o funcionamento do todo. É por isso que, há alguns anos, diversos arquitetos, urbanistas e estudiosos da área do mundo inteiro trabalham com um conceito que propõe modificar a relação entre o ser humano e o espaço que ele ocupa, refletindo em melhorias para toda a cidade: a acupuntura urbana.

Criado pelo arquiteto e teórico social francês Marco Casagrande, o termo faz parte de uma teoria que combina o desenho urbano e a milenar terapia chinesa. O grande pensamento por trás da ideia é: da mesma forma como a acupuntura estimula pontos específicos do corpo que se irradiam para o resto do organismo, nas cidades também é possível realizar pequenas intervenções que são sentidas em toda a tessitura urbana. Essas ações pontuais, embora pequenas, podem promover impactos significativos na cidade e contribuem para resolver questões que vão muito além da mobilidade urbana ou acessibilidade – fatores importantes para o bom funcionamento da cidade – mas contemplam, também, pilares como sustentabilidade e socioafetividade.

Existem alguns exemplos no Brasil que servem para ilustrar a aplicabilidade do conceito de acupuntura urbana, como a reforma da Pinacoteca do Estado de São Paulo, que refletiu em toda a área do Parque da Luz, dando vitalidade ao local; e a revitalização do Pelourinho, em Salvador, que incluiu a instalação de bares, lojas, pequenos comércios, escolas e a recuperação de fachadas e prédios, atraindo um maior movimento de pessoas e gerando mais visibilidade ao Centro Histórico. Em Belo Horizonte, podemos considerar como principal modelo de acupuntura urbana o Complexo da Pampulha, que foi projetado, inicialmente, para ser apenas um ponto de retenção de água, mas, devido ao seu conjunto arquitetônico, acabou se convertendo em um símbolo da capital mineira, famoso em todo o mundo.

O conjunto de ações pontuais e de revitalização, que podem mudar progressivamente a dinâmica de áreas urbanas degradadas e/ou abandonadas, também é uma estratégia para regiões que ainda serão desenvolvidas. Nesse caso, a intervenção ou acupuntura urbana funciona como um catalisador da ocupação e apropriação do espaço. O resultado a médio e longo prazo é a consolidação da ocupação e a apropriação dessas regiões por parte da população, que passa a conferir diferentes usos a esses locais, entendendo-os como parte importante do conjunto da cidade.

Há uma tendência geral em analisar os problemas dos centros urbanos com certo pessimismo, pois ainda persiste a ideia de que a única maneira de resolvê-los é realizando obras grandiosas e projetos megalomaniacos. No entanto, a acupuntura urbana mostra que, com pequenas “agulhadas” nos lugares certos, é possível irradiar uma nova vitalidade para todo o conjunto e promover melhorias gradativas nesse corpo humano que é a cidade.”